

## A festa de Corpus Christi dos evangélicos

Etnografando a 20ª Marcha pra Jesus em São Paulo

Cleto Junior P. de Abreu e Yumei I. Morales Labañino

---



**Editora**

Núcleo de Antropologia Urbana da  
Universidade de São Paulo

**Edição electrónica**

URL: <http://pontourbe.revues.org/3261>

ISSN: 1981-3341

**Referência eletrónica**

Cleto Junior P. de Abreu e Yumei I. Morales Labañino, « A festa de Corpus Christi dos evangélicos », *Ponto Urbe* [Online], 19 | 2016, posto online no dia 31 Dezembro 2016, consultado o 11 Janeiro 2017.  
URL : <http://pontourbe.revues.org/3261> ; DOI : 10.4000/pontourbe.3261

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 11 Janeiro 2017.

---

# A festa de Corpus Christi dos evangélicos

Etnografando a 20ª Marcha pra Jesus em São Paulo

Cleto Junior P. de Abreu e Yumei I. Morales Labañino

---

- 1 Eventos e manifestações grandes e regulares com datas, horários e percursos previamente planejados, como a Marcha pra Jesus<sup>1</sup>, por vezes nos levam a observá-los apenas da perspectiva de sua regularidade, daquilo que já foi definido por seus organizadores. Nesse caso, a observação tende a se interessar mais pela obediência das pessoas às regras, ao itinerário prévio, ao ritmo da caminhada e às formas de ocupação do espaço estabelecidas por seus organizadores. Tendemos a observar menos as contradições e tensões em relação ao *script* prévio que podem eventualmente surgir no desenrolar da situação.
- 2 Na Marcha pra Jesus, evento que, segundo seus organizadores, existe há mais de três décadas, espera-se uma primeira concentração de pessoas no centro da cidade, mais especificamente na Estação da Luz, logo pela manhã, seguida de caminhada de cerca de quatro quilômetros, no ritmo de deslocamento dos trios elétricos, até local previamente estabelecido para nova concentração, agora em torno de um grande palco, na Praça Heróis da FEB, onde ocorrem shows de artistas gospel e louvores com pastores e líderes evangélicos. Pelo carácter de grande evento, com regularidade de várias décadas, a Marcha vem cada vez mais reunindo grande número de pessoas nas ruas sob um pano de fundo religioso, as quais se apropriam de uma parte importante da cidade de São Paulo.
- 3 O trajeto da região central até a zona norte da capital paulista percorre alguns pontos célebres, como o Parque da Luz, a Pinacoteca do Estado de São Paulo e o Museu de Arte Sacra de São Paulo e acontece na mesma semana de celebração do Corpus Christi, evento católico e feriado nacional, e da Parada LGBT, na Avenida Paulista. A disputa de igrejas e organizações religiosas pela presença nos espaços públicos vem caracterizando o cenário religioso brasileiro contemporâneo. Nesse contexto, o crescimento do número de pessoas que se autodeclararam evangélicas no país é acompanhado de um movimento concomitante em direção a uma maior ocupação dos espaços públicos pelas igrejas evangélicas, onde pleiteiam de diversas maneiras seu lugar. Nesse caso, a performance pública dos

evangélicos imprime uma mudança de sentido da data alegórica tradicional do feriado católico de Corpus Christi, resignificando-a sob outra perspectiva, em data de uma nova celebração religiosa, agora também evangélica

- 4 Em relação à Parada LGBT, é possível pensar a Marcha comparativamente quanto ao modo como ambos os eventos estão situados no plano da cidade. A Marcha pra Jesus ocorre numa região degradada do centro da cidade, com forte presença de policiais, moradores de rua e adictos, mas que vem nas últimas décadas se tornando foco de ações do Estado e de empresas com o objetivo de explorar atividades econômicas, culturais, turísticas e de lazer, fato que gera constantes tensões entre instituições estatais e organizações da sociedade civil em torno do significado da região e de seus ocupantes. Por seu lado, os organizadores e participantes da Marcha utilizam essa região da cidade como lugar de celebração de uma figura própria de Jesus Cristo, cujo nome aparece, no evento observado, em camisetas e faixas, acompanhado pela frase bíblica “Glória ao alfa e ômega”.
- 5 A região da Luz é marcada pelo trânsito de pessoas e automóveis por suas avenidas e estações de metrô e trem. Trata-se de um espaço de passagem, não de fixação. Apesar da grande presença de prédios de instituições estatais, a região não figura como tradicional espaço de manifestações políticas no imaginário da cidade, como é o caso da Avenida Paulista, por exemplo. Assim, um sentido mais político da Marcha pra Jesus, que poderia ser realçado caso o evento ocorresse na Avenida Paulista, parece atenuado pela própria localização do evento no plano da cidade. Ainda que a Parada LGBT tenha o caráter de festa pública, o sentido político desse evento é bastante forte, sobretudo em relação às reiteradas posições de religiosos e políticos conservadores quanto ao público LGBT.
- 6 Contudo, o fato de se desenrolar como marcha, isto é, como algo que se move em bloco num dado sentido, faz da Marcha pra Jesus um evento que possui características de manifestações políticas: percorre-se um trajeto cujo ponto de chegada possui forte significação política, em geral sedes de órgãos decisórios do Estado, como secretarias e parlamentos. No caso da Marcha pra Jesus, a caminhada como forma de ocupação do espaço se dá mais no sentido de se fazer ver do que de levantar determinada questão pública a ser solucionada. É uma celebração religiosa cristã que se dá nos moldes das tradicionais manifestações políticas de rua do período pós-Constituinte, mas cujo sentido aponta mais para o religioso do que para o político, ainda que a forma seja similar.
- 7 Acompanhamos o trajeto da Marcha pra Jesus de maneira irregular, em ritmos distintos e separadamente. Ao final, percebemos que a observação se deu por uma dupla entrada, não mutuamente excludentes. Por um lado, buscou-se uma perspectiva mais global do evento, sem atenção ao detalhe, a qual se revelou no esforço de dar conta da totalidade de uma cena que corria rapidamente e que, por isso, exigia menos atenção aos pormenores, a não ser com o prejuízo da descrição das grandes movimentações que ocorriam. Por outro lado, houve um esforço no sentido de privilegiar os detalhes e as microssituações que ocorriam ao longo do percurso etnográfico.
- 8 A concentração do público estava marcada para as nove horas da manhã, de acordo com a página oficial do evento no Facebook, mas antes do horário estabelecido já era possível perceber o grande volume de pessoas, sobretudo os comerciantes de rua. Seguindo o padrão das atividades econômicas ligadas às peregrinações, os principais artigos religiosos à venda eram objetos de celebração à Marcha e à figura de Jesus: fitas para cabeça com inscrição “100% Jesus”, coroas de flores, capinhas para celular personalizadas, correntes com pingentes e pulseiras com motivos cristãos. Dentre todo o material à venda,

destacava-se a camiseta oficial daquela edição do evento, de cor cinza e com a estampa da estrela de David (em azul e dourado escuro), muitas delas customizadas.

- 9 O uso da camiseta consistia numa espécie de modalidade de pertencimento ao grupo e poucos eram aqueles que não a levavam no corpo. Tal pertencimento parecia ocasional e teria início e fim apenas durante o tempo de duração do evento. Essa modalidade de pertencimento pelo uso da camiseta oficial parecia ir além das diferenças sabidas entre as denominações religiosas das pessoas que participavam do evento e denotava, nesse sentido, uma eventual suspensão temporária do pertencimento denominacional e particular. No entanto, alguns grupos se valiam da camiseta como suporte de sua identidade dentro do universo evangélico e gospel. Ela funcionava como elemento distintivo da filiação de algumas pessoas, sobretudo de congregações pequenas, que preferiam usar camisetas diferentes daquela da Marcha para identificar sua filiação a um grupo ou igreja particular. Não obstante, o uso da camiseta oficial era visivelmente mais ostensivo.



Camiseta Oficial da Marcha  
(Yumei I. Morales Labañino)

A ideia de unidade parece ter sido um dos temas da Marcha, perceptível na frase, “O maior evento cristão do mundo”, que aparece na capa da página oficial do evento no Facebook. A frase repousa sobre uma foto panorâmica na qual se vê uma grande avenida de quatro faixas completamente lotadas de pessoas e um palco no fundo, quase imperceptível diante da massa de pessoas, que, em conjunto, ocupam a maior parte da

panorâmica. O foco é a massa, a grandeza, a quantidade, a maioria.



Página oficial do evento na rede social Facebook.

(Cleto Júnior P. Abreu)

- 10 A qualificação do evento como “cristão” diz algo significativo, uma vez que a imprensa tratou o caso como um evento “evangélico”. No primeiro caso, o termo “evangélico” não foi usado na página do Facebook para exibir a identidade coletiva dos participantes, mas o termo
- 11 “cristão”. Essa posição difere daquela dos meios de comunicação, que identificaram o evento e seu público como “evangélicos”. Nesse caso, parece que o que está em jogo é o próprio significado da categoria “cristão” como identidade coletiva, pois “cristão” é de grandeza maior do que “evangélico” e “católico”. Essa categoria permite colocar mais pessoas em associação do que a categoria “evangélico”, mais restrita. Reivindica-se uma identidade cristã num feriado tradicional católico associando-a a uma massa de pessoas mobilizadas nas ruas.
- 12 Mais um ponto interessante é o lugar de referência da frase: o “mundo”. A necessidade da referência a um lugar onde o evento ocorre é fundamental, pois ele, nesse caso, não teria mais lugar apenas na cidade, no estado ou no país, mas no mundo, como um evento de caráter internacional. A grandeza do evento assim demonstrada faz com que a cidade, o estado e o país sejam eles reconhecidos internacionalmente pela realização do “maior evento cristão do mundo”.
- 13 Sob o ponto de vista das microssituações, foi interessante observar o modo como diferentes grupos foram se fixando em determinados pontos do percurso: nos canteiros centrais das avenidas por onde os trios elétricos passavam ou nos pontos que serviam como área de alimentação, com seus quiosques e carrinhos de lanches. Nesses lugares, sobretudo nos canteiros e calçadas, grupos se juntavam para fazer piquenique e, em meio a conversas, músicas e orações conjuntas, esperavam o momento da passagem dos trios elétricos e das pessoas que os acompanhavam. Esses pequenos grupos davam um ar de descontração ao evento, nos moldes de atividades de lazer aos fins de semana. A perspectiva que tinham do evento era algo como a de um desfile público, no qual pessoas se fixam em lugares determinados para observar a passagem dos elementos do desfile, diferentemente daqueles que procuram acompanhar os trios elétricos em todos os momentos da Marcha.

- 14 Os grupos cresciam em número e mais se adensavam à medida que o palco principal se aproximava, local onde ocorriam shows de música gospel como atividade de encerramento da Marcha.
- 15 Parece que os usos da Marcha de Jesus pelas pessoas variam consideravelmente. Há aqueles que vão para ver os shows, aqueles que só veem a partida dos trios e da massa de pessoas e aqueles que vão embora quando caminhada se encerra na praça. Era perceptível essa diferença de formas de participação entre jovens, crianças, adultos e idosos. Observar o modo como as pessoas vão entrando e saindo da Marcha pode ser sugestivo para pensar os diversos modos de percepção do evento.
- 16 Acreditamos que o mais significativo da Marcha seja a presença de jovens e adolescentes. São eles que têm mais vitalidade, que ficam mais próximos aos trios elétricos, que elaboram coreografias, que se associam mais, que são vistos em grupos maiores. Em contraponto, as pessoas adultas geralmente se mantinham em grupos menores ou na forma de casais com ou sem filhos. Muitos jovens casais vendiam trufas com o propósito de reunir dinheiro para se casarem. A frase “Ajude a gente a se casar” era muito comum, escrita em pequenos cartazes. Nesse sentido, era difícil encontrar alguém que estivesse acompanhando sozinho o evento, uma vez que a presença de grandes grupos de jovens ou de casais era muito forte. Os solitários eram facilmente identificáveis, como jornalistas e pesquisadores, com seus cadernos de anotações.
- 17 Próximo à área onde localiza-se o palco principal, havia um local que contava com a presença de símbolos da cultura afro-brasileira tradicionalmente ligados às religiões de matriz africana: o acarajé e a capoeira. Porém, nesse contexto, ambos eram apresentados num registro diferente. A “capoeira gospel” é entendida pelos agentes como uma prática esportiva que pode contribuir tanto para a evangelização quanto para a louvação de Jesus. O acarajé era comercializado numa barraca de propriedade de uma mulher de origem baiana, segundo ela. Os quitutes feitos de feijão-fradinho eram vendidos como “Acarajé do Senhor” e fritos no tradicional azeite de dendê, sem antes serem abençoados, conforme ela, pois durante a confecção era pedida a benção do Senhor sobre os alimentos que seriam vendidos. Estes dois elementos tradicionalmente ligados às religiões afro-brasileiras foram, portanto, reinterpretados de maneira diversa e incorporados como mais um dos elementos típicos da culinária nacional, agora adaptados ao universo gospel.
- 18 Ponto interessante era o modo como os símbolos eram usados. Em especial, o trio elétrico da Igreja do Evangelho Quadrangular chamou atenção. Essa igreja possui uma simbologia que se exprime em quatro cores (vermelha, amarela, azul e roxa), que distinguiam seu trio elétrico dos demais. Sob um fundo arco-íris símbolo da igreja, aparecia a palavra “inconformados”, o que denotava um tom político mais pronunciado de uma denominação na Marcha, algo que até então não ocorrera. Associado à palavra, via-se a frase “100% família”. A inconformidade, nesse sentido, parecia dar-se em relação à presença na sociedade de configurações familiares que não podiam ser consideradas como famílias autênticas, mas apenas em algum percentual. No entanto, a figura da família plena não era explicitada.
- 19 O uso de tecnologias portáteis também foi bastante frequente na Marcha, especialmente no modo como os celulares eram a todo momento acionados para a tomada de fotos como lembrança pessoal do evento. Muitos tiravam *selfies*, preocupando-se em registrar o momento, o lugar e as atividades em que estavam envolvidos. Algumas das pessoas que

posaram para as fotos, por exemplo, preocupavam-se em saber se suas imagens seriam publicadas nas redes sociais, a fim de que pudessem compartilhar.



(Yumei I. Morales Labañino)

- 20 O final da observação não coincidiu com o fim da Marcha. O evento iria se desenrolar até as 22 horas e deixamos o campo às 14 horas da tarde, depois de uma longa caminhada. Por último, é interessante notar que essa edição do evento foi caracterizada pelos meios de comunicação como marcada pela ausência de figuras do universo político, mesmo evangélicas. Com exceção de um novato na Marcha, o apóstolo Valdemiro Santiago, da Igreja Mundial do Poder de Deus, que clamava por uma solução divina ao embate político que vem marcando o país há meses, as falas daqueles que ocupavam os trios elétricos vinham em forma de louvores e música. A associação tradicional de religião e política, quando o foco é o universo evangélico, é novamente enunciada pelos meios de comunicação, na medida em que o modo como se desdobrou a Marcha parece ter frustrado uma esperada presença de líderes políticos, especialmente num momento em que as tensões políticas têm se tornado mais explícitas no Brasil.



(Yumei I. Morales Labañino)

---

## NOTAS

1. A Marcha pra Jesus é um evento organizado pela Igreja Apostólica Renascer em Cristo, desde 1993, e que ocorre no feriado de Corpus Christi, em todo o Brasil, sendo a cidade de São Paulo um dos primeiros lugares onde foi celebrado e o local onde se concentra o maior número de participantes.

---

## AUTORES

**CLETO JUNIOR P. DE ABREU**

Doutorando em Sociologia na Universidade de São Paulo (USP) e Pesquisador do Núcleo de Estudos de política, esfera pública e religião (NUPRE/USP).



**YUMEI I. MORALES LABAÑINO**

Doutoranda em Antropologia na Universidade de São Paulo e Pesquisadora do Instituto Cubano de Antropología (ICAN – Havana) e do Centro de Estudos de Religiosidades Contemporâneas e das Culturas Negras (CERNe/USP)